

**“CADEIA É HOTEL, POLICIAIS SÃO GARÇONS”:
ALGUMAS ANÁLISES
ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE OS PROGRAMAS JORNALÍSTICOS
SENSACIONALISTAS E AS TRAVESTIS ACUSADAS/VÍTIMAS DE CRIME**

Luiz Claudio Kleaim¹

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
luizclaudiokleaim@yahoo.com.br

Luciano Oliveira²

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
lucianoliveira010742@gmail.com

Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira³

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
sergiorodrigosf@gmail.com

A televisão, assim como outros meios de comunicação de massa, tem desempenhado papel de mediação de fatos e das sociedades de forma a abranger e entrelaçar diferentes e distantes realidades, incluir diferentes grupos sociais – inclusive, os marginalizados –, abarcando a sociedade brasileira sob o véu de um público extenso que abrange diferentes classes sociais. Entretanto, como esse meio tem por finalidade a obtenção de lucro e por estar inserido na lógica empresarial, partindo do princípio de que a informação é um bem de consumo a ser comercializado, os produtos veiculados se incluem numa lógica de massificação buscando atingir de maneira agradável o maior número possível de telespectadores. Ainda que venha propiciar a vinculação das pessoas e o fortalecimento dos laços sociais, leva também à padronização dos discursos e das identidades e intervém na vida das pessoas.

Em meio a esse universo globalizado, a televisão brasileira realça a constituição de mitos e de estereótipos assim como de discursos falaciosos, mas também provoca em outros planos do social mudanças de hábitos, de modismos e de tendências, transformando os estilos de pensar, agir e existir das pessoas e dos grupos.

¹ Mestre em Letras, pela Ufes, professor da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, integrante do Plur@l – Grupo de Diversidade Sexual e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sexualidades (GEPSS).

² Especialista em Profissional Técnica Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos IFES, professor da Rede Estadual do Espírito Santo, integrante do GEPSS.

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Laboratório de Pesquisa em Internet e Cultura (Labic) e do GEPSS.

Enquanto constituinte e influenciadora de opiniões de uma maioria, a televisão alimenta uma relação retroativa de juízos de valores a qual leva em conta o que se julga ser uma opinião de uma suposta maioria. Tal fato é reforçado se partirmos do teorizado pela socióloga e cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neuman, que constituiu a teoria conhecida como espiral do silêncio a qual argumenta que a opinião individual, quando difere da maioria ou do pensamento coletivo, pode causar uma reação de isolamento social do indivíduo em que as pessoas alteram a sua forma de pensar ou são silenciadas, ou seja, há uma opção pelo silêncio, por causa do medo da solidão social (WOLF, 1994).

É sabido que o sistema da heteronormatividade se sustenta com a “naturalidade” do elemento heterossexual em detrimento da patologização do desejo homossexual (BUTLER, 2008; LOURO, 2004; PRECIADO, 2008). Os corpos sofrem o investimento das normas sexuais a fim de que eles se tornem corpos inteligíveis. Os espaços que são esperados para os corpos-homens e os corpos-mulheres no sistema heteronormativo são muito bem delineados, encadeados e prescritos, mas não totalmente eficientes. Muitas vezes, as reações de homofobia revelam a leitura que se faz dos corpos ditos “desviantes” desse “natural”: o merecimento à humilhação, à violência ou à morte. Os corpos que fogem da lógica são porque não obtiveram êxito quanto aos seus esperados papéis de gênero; são forçados aos espaços de exclusão e de margem. São corpos abjetos (*queer*), pois cruzaram a fronteira do que é “natural”, normal, inteligível e humano. Assim, um corpo masculino, como o da travesti, que ora participar de significados do gênero feminino será transgressor.

A experiência travesti é exemplo da não simetria entre sexo-gênero. Esses sujeitos negociam deslocamentos entre os significados do gênero e o seu sexo anatômico, trazendo à tona os limites de um suposto dispositivo dimórfico⁴ que as nossas instituições sustentam, pois questionarão a adequação dos seus corpos ao gênero com o qual se reconhecem e se identificam.

⁴ O Dimorfismo é uma visão inaugurada pela anatomia moderna que subsidia e legitima a noção de que os corpos possuem duas possibilidades apenas: ou se é alguém com pênis, masculinizado e heterossexual, ou se é alguém com vagina, feminilizado e também heterossexual. Antes, a noção do corpo era isomórfica: mulheres e homens eram iguais, mas com uma pequena diferença: a mulher possuía um falo invertido (para dentro, homem inferior), enquanto que o homem possuía um falo desenvolvido (para fora, superior).

Nesse sentido, a proposta deste estudo foi o de observar, descrever e problematizar a relação entre as travestis e os programas televisivos de caráter sensacionalista⁵. Focando na descrição dos discursos proferidos, tanto pelo veículo quanto pelas personagens envolvidas, procurou-se desvelar os temas, as representações e as estratégias discursivas abordadas e de que maneira nas diferentes produções há similaridades que evidenciam conceitos e práticas preestabelecidos acerca desses temas. A partir disso, procuramos refletir por meio da ótica de alguns estudos acerca de gênero e sexualidade e da bibliografia adotada sobre os assuntos que estão no substrato da questão: como tais minorias sexuais se relacionam com veículos de mídia de massa com apelo espetacularistas?

O sensacionalismo se inclui como um gênero jornalístico que propõe atingir o público justamente pelo choque, explorando temas em tom espalhafatoso e com a finalidade de provocar emoção ou escândalo. Para isso, procura tratar de temas como crimes, desastres, sexo, escândalos, hábitos exóticos etc. Os programas que se valem do sensacionalismo adotam, de maneira geral, um tom intenso e exagerado no contexto gráfico, linguístico, temático e semântico utilizados pelo emissor do discurso, sendo desproporcional à representação feita do real social, destacando, acrescentando ou subtraindo deste elementos constitutivos característicos.

Além disso, o discurso sensacionalista se caracteriza pela ambivalência linguístico-semântica, pela valorização da emoção em detrimento da informação, pela exploração do vulgar de forma espetacular, pelo uso de linguagem coloquial, pelo destaque a elementos supérfluos e pela subtração de outros importantes, pela invenção de palavras e fatos e pela descontextualização política, econômica, social e cultural.

A linguagem utilizada por esse tipo de discurso tenderia a ser repetitiva, centrada em si mesma, ambígua, autoritária, despolitizadora, fragmentária, unilateral, vertical, dissimulada, indefinida, subjetiva, avaliativa etc., apontando para modos de produção discursiva trágicas, eróticas, violentas, ridículas, insólitas, grotescas ou fantásticas. Tal fato explica por que a peja de sensacionalista se constitui num insulto a qualquer veículo de comunicação jornalística

⁵ Fez-se um levantamento, por conveniência, de 20 vídeos, que são de livre acesso, hospedados no *site* Youtube (alguns deles se configuram como *web hits*), que trazem matérias de telejornais brasileiros cujas envolvidas são travestis e que, segundo a bibliografia adotada, podemos caracterizá-los como sensacionalistas.

dito sério uma vez que foge ao ideal que a tradição ética da arte apregoa: a objetividade, a imparcialidade, a busca da verdade – em todos seus lados – e a precisão.

Angrimani descreve o gênero comparando-o a “um ego que deseja dar vazão a múltiplas ações transgressoras – que busca satisfação no fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo, coprofilia, incesto, pedofilia, necrofilia” (2005, p. 17), mas que ao mesmo tempo as reprime de forma implacável. Dessa forma, o sensacionalismo se apoia substancialmente no modelo transgressão-punição, contendo em si a ambiguidade de um discurso imoral e moralista.

Pensado sob outra perspectiva, o apresentador de um programa sensacionalista pode, por exemplo, assim como em um tribunal há a sentença propagada ao culpado, ao relatar a captura de um criminoso, operar em tempo real e ao vivo como fiel representante da sociedade (ou do público) daquele poder de encontrar o culpado, de puni-lo e julgá-lo com sua palavra, remetendo o espaço televisivo (baseado também em alguns regimes similares de confissão e de punição) para a época das punições em praça pública.

O resultado disso são programas baseados no riso cruel por meio do divertimento com o sofrimento e com o ridículo do outro e de encenações do povo ao dar-se “voz e imagem a ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, mutilados, disformes, aberrantes, para mostrar a crua realidade popular” sem que, no entanto, o choque provocado faça com que se chegue às causas sociais e à reflexão das mesmas e apenas se permaneça “na superfície irrisória dos efeitos” (SODRÉ & PAIVA, 2002, p. 160).

Como personagens dos telejornais sensacionalistas analisados, as travestis são caracterizadas partindo-se de algumas definições sobre elas mesmas ou do universo singular no qual vivem. Sobre o termo travesti Don Kulick (2008) argumenta que o termo “[...] deriva do verbo ‘transvestir’, que pode ter o sentido de vestir roupas do sexo oposto. Porém, as travestis não se caracterizam apenas por usar roupas de mulher”, elas adotam nomes femininos, todos os apetrechos femininos, como penteados e maquiagem, tratam-se com pronomes no feminino e se obstinam em transformar seu corpo o mais feminino possível consumindo volumosa quantidade de hormônios e de injeção de silicone.

Kulick ultrapassa sua definição ressaltando que “a despeito de todas essas transformações, muitas das quais irreversíveis, as travestis não se definem como mulheres” (KULICK, 2008,

p. 21); mesmo adotando todos os caracteres físicos femininos, elas não pensam em “tirar” o pênis e se transformarem em mulher. Ao contrário, afirmam-se o tempo todo como homossexuais, que desejam outros homens e que se completam como objeto de desejo desses. Na mesma perspectiva, Wiliam Siqueira Peres (2009) define

[...] as travestis como pessoas que se identificam com a imagem e estilo feminino, apropriando-se de indumentárias e adereços de sua estética, realizando com frequência a transformação de seus corpos, que por meio de ingestão de hormônios, quer através de aplicação de silicone industrial e das cirurgias de correção estéticas e de próteses (PERES, 2009, p. 236).

Os programas sensacionalistas que foram observados mostram basicamente as travestis em duas situações: envolvidas direta ou indiretamente em crimes ou desvelando suas vidas na prostituição. Com relação às acusações de crime, as situações que foram mostradas se configuram em roubo, agressão, ameaça e destruição do patrimônio alheio. Observou-se ainda que no relato das travestis, as vítimas seriam clientes que se recusaram a pagar o valor total ou parcial dos programas. Por isso, sofreram como “sanções” os crimes a que eram acusadas.

De maneira geral, as travestis dos vídeos analisados se relacionam bem com a imprensa ainda que algumas relutem, desconfiadas, no início. Expõem-se, narram o ocorrido com detalhes e revelam sua intimidade. Em alguns casos, adéquam-se ao gênero do veículo e fazem humor junto ao repórter, gabam-se de sua beleza e de seus feitos e mostram partes do corpo de forma sensual. Algumas riem da própria condição de criminalidade. Por vezes, as travestis se recusaram a falar com a imprensa e até se chega a destruir material de reportagem.

Há matérias que dão viés de humor aos casos de crimes que envolvem as travestis. Algumas utilizam músicas geralmente associadas ao universo guei como *background*. Há também aquelas que destacam as expressões, os cacoetes e as gírias empregadas pelo entrevistado com a finalidade de provocar o riso. E, ainda, deboçam de suas características femininas e da androginia, fazem joguetes que expõem a homossexualidade de forma ridícula e risível. Para tanto, o próprio repórter atua como gatilho de *performances*, incentivando ações e perguntando sobre determinados temas, juntamente com a contribuição dos comentários dos âncoras e da edição do vídeo a qual acrescenta sons e imagens, destaca trechos por meio de repetição, separa e monta as cenas de modo a reestruturar os “textos” audiovisuais com a finalidade de fazer humor ainda que os temas originalmente não alcançariam esta alçada.

As reportagens tratam as trans de maneira geral no masculino. Todas mostram o nome social (“nome de guerra”) e o nome de batismo (“nome de homem”) das travestis; e algumas zombam disso. Em alguns casos, as travestis estão aparentemente sob efeito de entorpecentes. Em algumas reportagens elas aparecem feridas, resultado de agressões. Chama a atenção o fato de a maioria das reportagens expõe as travestis e poupam as supostas vítimas, em sua maioria, como dito, seus supostos clientes.

Há matérias – poucas – em que as travestis aparecem apenas como vítimas de crimes: sofreram agressões ou ameaça. Destaca-se ainda o fato de, nas reportagens, os parceiros delas não serem chamados como namorados ou maridos, mas sim como amantes e suas relações serem caracterizadas como “casos”.

Existem outras matérias, como já dito, que procuram desvelar a vida das travestis que atuam na prostituição. Há uma certa associação direta nos discursos dos veículos entre elas com a prática do sexo pago. Muitas das reportagens são feitas *in loco* com as equipes abordando-as nos locais de trabalho. São poucos os casos em que as travestis vão aos estúdios dar entrevistas.

O maior interesse de quem pergunta é pelo processo de trabalho: como são feitas as abordagens, quais os valores dos programas, quem são os clientes habituais e quais as práticas sexuais realizadas por esses. Há uma fala que se repete na maioria dos casos por meio do qual os repórteres sempre questionam se os clientes são homens casados e se eles estão à procura de sexo para atuarem na posição receptiva, ou seja, como passivos, o que em ambos os casos é geralmente confirmado pelas travestis.

Outra questão que é bastante levantada é sobre a opção pela prostituição. Sobre o tema, elas são unânimes em apontar a facilidade em ganhar dinheiro como motivo principal da profissão e, ainda, se dizem satisfeitas com o trabalho. Nos discursos, as travestis julgam indignos os trabalhos em que se gasta muito tempo e muito esforço para se ganhar pouco dinheiro, como um salário mínimo, sendo que, no sentido oposto, com os programas elas trabalham menos e por menos tempo adquirem maiores ganhos financeiros. Algumas destacam a prostituição enquanto um trabalho passageiro.

A vida nômade foi outro aspecto observado no modo de vida das travestis. Observa-se que grande parte delas vem de outros lugares – cidades, estados e países – e algumas estão em trânsito para outros. São justificadas nas matérias as motivações para esse trânsito as maiores e melhores opções de trabalho em determinados lugares, o respeito da população residente e a segurança. Os vídeos sugerem que a população de travestis é flutuante e que se movimentam de acordo com as condições de vida e trabalho dos locais que habitam.

Constata-se também que as travestis se diferenciam entre si de acordo com a beleza física, ali vistas como maior atrativo para o mercado de prostituição. Muitas supervalorizam o cuidado com o corpo e o investimento financeiro feito em alterações corporais de feminilização, sendo que gastam boa parte do dinheiro que adquirem com os programas em vestimenta e com intervenções estéticas, muitas vezes, clandestinas. No discurso de algumas é possível ver a relação clara entre vestir-se e se arrumar bem com valores abstratos.

A relação entre mídia e travestis a partir da bibliografia adotada, dos comportamentos e das concepções específicas do universo travesti deve ser observada com atenção. Nessa “colcha de retalhos”, em que se constitui a identidade das travestis, três fragmentos dessa marcação, típicos da sociedade brasileira, são incorporados por nossos personagens: a puta, o malandro e o bandido.

Essas três faces da identidade travesti estão intimamente relacionadas a elementos relevantes do universo travesti, como a prostituição e a marginalidade. A puta está relacionada ao lado profissional das travestis, a prostituição, e seu relacionamento com o cliente; a figura do malandro aparece na negociação do preço do programa, nos atos e nas técnicas de roubar o cliente. O bandido aparece como reflexo dos vários estigmas sociais sofridos por elas e sua relação conflituosa com as autoridades policiais.

A identificação das travestis como “profissionais do sexo”, de acordo com Kulick, é vista como uma ressignificação do sentido dado historicamente à prostituição, valorizada por elas como forma de trabalho. Além disso, segundo o autor “a prostituição e as atividades relacionadas, por exemplo, roubar clientes, são a principal fonte (às vezes, a única) de renda das travestis” (2008, p. 151). A profissão aparece não só como principal fonte de renda, mas também como espaço vital para a reafirmação da femilidade como também o lugar de experiências prazerosas para a maior parte delas (KULICK, 2008; BENEDETTI, 2000;

GARCIA, 2008). Reafirmando esse argumento, Kulick (2008) ressalta que “por mais que seja sua importância, o dinheiro não conta toda a história da prostituição travesti...”. Quando se acompanha mais de perto os seus diálogos, percebe-se a existência de outra dimensão além do dinheiro: o prazer.

A configuração da prostituição travesti é determinada pela demanda de certas formas de relacionamento sexual ditadas pelos clientes. São vários os desejos que os levam a procurar por elas; alguns lhes procuram como “mulheres” mantendo a posição exclusivamente “ativa”, enquanto que outros vão à procura de sexo “passivo”. Ainda há aqueles que praticam as duas modalidades. Tal aspecto demonstra uma submissão por parte das travestis aos desejos e às necessidades dos clientes. Embora muitas possuam predileção por terem desempenho sexual como passivas nas relações, há vários relatos de desejo dos clientes de que elas sejam ativas com eles (GARCIA, 2008, p. 244). Esse grupo o qual chamavam de “mariconas” era desprezado por elas.

É nessa relação com os clientes e com o mundo da prostituição que a identidade do malandro é parcialmente manifestada na identidade travesti. O malandro é associado à pessoa que vive entre o espaço da legalidade e da ilegalidade, àquele que vai ao encontro do espaço ocupado também pelos profissionais do sexo, pois da mesma forma que a atividade da prostituição não é crime, ela também não possui estatuto legal (GARCIA, 2008, p. 246). Na relação travesti e cliente a incorporação da figura do “malandro” é visível no relato de diversas estratégias para enganar e ludibriar. Algumas, vangloriando-se, riem dos clientes chamando-lhes de “otários”.

Assunto pouco tratado nas pesquisas sobre travestis, o roubo e o furto são práticas entre algumas delas. Uma das razões apontadas pelos autores pesquisados para o fato se deve ao processo de pauperização pelo qual muitas passa(va)m, o que as levaria a tais práticas com a finalidade de satisfazerem, na maior parte das vezes, suas necessidades mais urgentes, tais como alimentação e moradia (GARCIA, 2008).

As relações vistas entre as travestis e os programas televisivos se mostram voltadas à lógica do espetáculo e da punição, tanto no que se refere à representação quanto no que tange à auto-representação das travestis. Guy Debord (1997) caracteriza a sociedade contemporânea por este viés da espetacularização, no qual as relações sociais entre as pessoas são mediadas pelas imagens do espetáculo e balizadas pelos meios de comunicação que se tornam nas modernas

formas de produção o eixo central da organização dos processos sociais, tanto políticos quanto econômicos e culturais.

Pensados dessa forma os problemas das travestis são vistos de forma separada dos problemas sociais que as atiram na marginalidade, no crime e em situações de subempregos para lançá-las como protagonistas de apresentações grotescas das quais se alimentam os programas de jornalismo sensacionalista para deleite de seus espectadores. Não há referência à incorporação da criminalidade imposta historicamente a elas, resultado da soma das poucas oportunidades de empregos formais e das não perspectivas de profissionalização que força(ra)m esse grupo a “ocupar os interstícios, vivendo entre o mundo da ordem e da desordem” (GARCIA, 2008, p. 248).

Como percebido, o gênero sensacionalista possui algumas peculiaridades que o distinguem do programa de telejornal ao exacerbar o aspecto da dramatização da arena pública que alguns programas televisivos possuem. Desse modo, comparam-se a um tribunal em que os sujeitos se confessam do crime que cometeram, não havendo chance para a absolvição da culpa. Nesse enredamento, resta para as travestis jogarem com outros significados possíveis dos discursos, como o reforço da ambivalência entre masculino e feminino, o uso do humor e da ironia que acontecem em algumas cenas.

O discurso que perpassa todas as reportagens, e difundido no senso comum, é a relação entre criminalidade, delinquência e marginalidade ligadas às travestis; relação esta construída historicamente em esforço nem sempre bem sucedido de tornar a homossexualidade e a prostituição enquanto condutas criminosas. Segundo Garcia (2008) são comuns as referências à criminologia, à medicina e à polícia para tratar dos assuntos ligados ao tema. Garcia conclui que mesmo havendo a alternância de períodos de repressão policial e de tolerância para com a prostituição de travestis, essa associação permanece presente no imaginário social.

Retroativamente, as travestis também se valem dos espaços que lhe são dados. Muitas vezes, entram na lógica do espetáculo para se promoverem ou, com a finalidade de “vingança”, utilizarem o espaço da mídia para expor os “maus” clientes – ali configurados como maus pagadores. Essa atitude diz respeito ao tipo de relação que as travestis têm com seus clientes, revelando a incorporação da figura do malandro, aspecto esse que para elas tem que existir para que se estabeleça a relação de domínio sobre os clientes. Afinal, na relação travesti

versus cliente, em hipótese alguma é permitido fazê-las de “otárias” (GARCIA, 2008). Qualquer tentativa de o cliente inverter essa lógica imposta, como, por exemplo, a negociação sobre o preço do programa que em geral é ditado por elas, é punido de alguma forma. Uma delas, como observado nos vídeos, é o “dar escândalo”. Caso o cliente não queira pagar o preço combinado ou tenha o dinheiro e queira pagar menos, aos olhos das travestis essa atitude é digna de castigo.

Desse modo, a estratégia de participação ativa se aproveitando ao máximo dos espaços encontrados na mídia sensacionalista pode ser vista também como forma punitiva aos clientes que tentaram romper a lógica da dominação das travestis em relação às negociações do programa. Como observado em alguns vídeos, além de exporem seu corpo e seu gênero denunciando a artificialidade e incoerência do binarismo sexo-gênero, as travestis, ao relatarem o não pagamento do programa, estão descrevendo/denunciando/acoimando a suposta “homossexualidade” de seus clientes. Enunciando a verdade sobre si e sobre seus clientes, elas também se enredam nas teias do dispositivo heteronormativo como parte da pleora de discursividades relacionadas às classificações dos desejos sexuais. Tal aspecto constitui o dispositivo de sexualidade: trata-se de funcionar a produção de identidades por meio da proliferação dos discursos sobre os desejos sexuais cujo resultado maior é a construção da verdade sobre o sexo: a verdade do sexo delas e do de seus clientes.

A exposição desse corpo na televisão nos apresenta um caráter ambíguo de sujeição e de subversão: a narrativa do corpo buscando sua normalidade (inteligibilidade) ao mesmo tempo em que rompe com o suposto binarismo sexo-gênero (transgressão). A travesti insinua o corpo enquanto “vestimenta corrigível, costurável, enxertável” (GARCIA *apud* SILVA, p. 123) a ser exibido publicamente demonstrando a eficiência das tecnologias das indústrias farmacopornográficas. Essa apresentação/aparição desse corpo não é apenas a amostragem de um material, mas o enredamento dele dentro e através de um sistema tecnobiopolítico, como diria Beatriz Preciado (2008), produzido e gerido por tecnologias de gênero.

Dessa forma, o grotesco e o espetáculo estão no escrutínio público do corpo trans e da relação (i)legítima perante as raias de uma sociedade heteronormativa em que a televisão se torna o espaço público com sofisticadas tecnologias de confissão. Dessa maneira, o corpo trans, aproxima o desconhecido do conhecido, o invisível do visível, torna-se o símbolo do sentimento de que o corpo é uma forma a ser transformada e a televisão como a possibilidade

de as tecnologias confessionais darem visibilidade (estranhamento X inteligibilidade) a esse corpo (luz, foco, cortes, *close up* etc.). E o reconhecimento de tal transgressão está subjacente à declaração daquilo que se diz ser.

Referências

ANGRIMANI SOBRINHO, D. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

ARAÚJO, C. A. A. Dramas do cotidiano na programação popular da TV brasileira. In: FRANÇA, V. (Org.). *Narrativas televisivas: programas populares na TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 47-68.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GARCIA, M. R.V. O cuidado do corpo entre travestis de baixa renda. In: *Sexualidades*. n. 2, abril 2008.

_____. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. *Cadernos de Psicologia do Trabalho*, 2008, v. 11, n. 2, p. 241-256.

KULICK, DON. *Travestis: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. RJ: Fiocruz, 2008.

LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexual, transgênic e a escola brasileira. In: *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

_____. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*. Artigo disponível no site: www.intersexualite.org/MULTITUD_ES_QUEER.pdf

SODRÉ, M. *A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1972.

SODRÉ, M.; PAIVA, R. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Ed. Presença, 1994.